

Recensão

A Fidelidade à Origem. O desenvolvimento de uma professora de Matemática

Maria de Fátima Guimarães. Lisboa: Colibri/Centro de Investigação em Educação, FCUL, 2005.

Maria Cabral

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade do Algarve

A narrativa biográfica como texto científico

Este texto foi elaborado a partir do meu comentário a uma conferência plenária de Maria de Fátima Guimarães, sobre a mesma problemática explorada na obra em epígrafe, num encontro científico recente (XVI SIEM). Por essa mesma razão, o leitor irá aqui confrontar-se com um género algo diferente do tradicional género recensão.

Na construção deste texto foram utilizadas perspectivas de análise tradicionalmente consideradas como apropriadas às áreas científicas das Ciências Sociais, da Educação, da Literatura. Também por isso, o mesmo acaba por ser um reflexo do próprio texto em análise — *A fidelidade à origem. O desenvolvimento de uma professora de Matemática* —, da autoria de Maria de Fátima Guimarães e publicado pela editora Colibri e pelo Centro de Investigação em Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

A obra de Maria de Fátima Guimarães a que me refiro foi escrita a partir de um estudo apresentado para provas de doutoramento. Organizado em cinco capítulos, o texto percorre diferentes perspectivas sobre o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores e inclui uma revisão da literatura que ocupa aproximadamente um terço da obra. Nos capítulos que constituem o estudo propriamente dito a autora relata a história de vida de uma professora de Matemática — Isabel.

A metodologia utilizada no estudo resultou da opção da autora pela narrativa-biográfica de uma personagem, cujo percurso de vida foi considerado como suficientemente paradigmático para merecer a sua atenção como investigadora. Embora esta opção metodológica constitua, ainda hoje, uma opção menos comum no panorama da investigação sobre a formação de professores, particularmente na área da formação em ciências ditas exactas, o caso é que a narrativa-biográfica é talvez o género de texto mais antigo e célebre na história da cultura ocidental.

Na verdade, a biografia é tão antiga quanto os primeiros relatos da vida de personalidades históricas, tendo-se tornado, rapidamente, num género literário maior. Numa acepção restrita, a biografia refere-se a toda a extensão da vida da personagem biografada, tendo como finalidade não apenas narrar os acontecimentos que a caracterizam, mas também recriar uma imagem suficientemente aproximada do indivíduo como ele foi ou é, na realidade.

A opção por este género de texto comporta, no entanto, alguns riscos, desde sempre identificados na teoria da literatura. A biografia pressupõe assumpção de responsabilidade para com a verdade. Todavia, em termos estéticos, o texto não pode deixar de estimular a imaginação do leitor destinatário. De acordo com a sua própria intenção enunciativa, o biógrafo decide se irá assumir um pacto ficcional, ou não, com o leitor-destinatário (Babo, 1996). Por um lado, durante o processo de construção discursiva, o biógrafo acaba sempre por transformar a informação que obteve e, conseqüentemente, nesse mesmo processo, corre o risco de faltar à verdade ao interpretá-la de determinada forma, ou ao omitir alguns detalhes no processo de depuração da palavra, ou, ainda, quando manipula a informação de modo a criar uma determinada representação. Por outro lado, se contrariamente decide restringir-se ao mero relato factual, corre outro grande risco — o de falhar na arte da narrativa.

No caso da escrita literária, esta tensão processual valoriza o trabalho biográfico (enquanto arte): ao mesmo tempo que se constrói a estrutura cronológica, vão-se realçando os comportamentos e as experiências de vida que se considera relevantes para a construção de sentido na narrativa biográfica (Rosado, 2005). Quando a narrativa biográfica tem como finalidade a partilha de informação na investigação científica, esta mesma tensão torna-se problema de extrema relevância. Por isso, são bastante recorrentes os alertas sobre a necessidade de rigor na selecção das fontes, na obtenção da informação, na análise rigorosa dos dados.

No respeito pelos deveres do seu papel de investigadora, Maria de Fátima Guimarães partilha com os seus leitores esse mesmo percurso no complexo processo de análise da informação a utilizar na construção discursiva da narrativa biográfica, como ilustram os excertos seguintes:

“(...) foram apreendidos os acontecimentos e as etapas de vida que a narradora considera como momentos chave da sua existência.”

“(...) Impunha-se uma reorganização do discurso a partir das alusões temporais que o permearam para apresentar cronologicamente a narrativa.”

“Esta fase termina com a montagem do texto da história definitiva, onde os ditos da narradora se entrelaçam com os meus comentários e interpretações, de natureza diversa (...)”.

“A ordem de apresentação utilizada na história de vida é cronológica, servindo de fio condutor organizador da exposição dos temas.”

Se todo o processo analítico, nas abordagens narrativas biográficas, se orientou por uma lógica de descoberta, nesta última fase, mais distanciada dos dados e mais interpretativa, isso aconteceu em maior grau, tendo tido a preocupação de que, nesta investigação, as conclusões constituíssem, acima de tudo, pontes para reflexões e interrogações. (pp. 46–48)

Sabemos hoje que as associações dicotômicas atribuídas à percepção do racional/inteligível à Ciência e do intuitivo/sensível à Arte têm fundamento cultural e não científico, pelo menos a julgar pelos argumentos hoje apresentados pela Neurociência (Zamboni, 1998). A antinomia tradicionalmente estabelecida entre os discursos da Ciência e da Arte foi construída historicamente e tem sido reforçada pela organização disciplinar compartimentada dos diversos campos do saber (Braga, 2004). Contudo, porque todo o discurso é situado em termos históricos e culturais, a nossa representação do estilo discursivo utilizado em investigação ainda é diferente da nossa representação e expectativas relativamente à formulação discursiva utilizada nos textos de natureza mais literária. Assim, e tendo também em conta uma perspectiva epistemológica, a opção pela narrativa biográfica como instrumento de investigação científica constitui, ainda hoje, uma ruptura com os paradigmas tradicionais.

Equacionarei, de entre vários possíveis, apenas três argumentos para sustentar a minha asserção de que o texto *A fidelidade à origem* constitui um exemplo dessa mesma ruptura com os paradigmas tradicionalmente aceites na investigação científica.

Desde logo, por anular a tradicional dicotomia sujeito/objecto de investigação e por implicar o observador/investigador no processo de investigação, Isabel, a protagonista desta narrativa, é assumida não como objecto de investigação mas como sujeito, na sua globalidade e complexidade; Fátima Guimarães não está dissociada do processo de observação subjacente a esta investigação. A investigadora está implicada na narrativa, construída ou conceptualizada numa relação de colaboração e cumplicidade com a protagonista da sua história.

Quando Edgar Morin defende que a autocrítica fundamental da antropologia começa pela relativização do observador, afirma que é necessário reintroduzir o “eu” no processo investigativo. O “eu” de que fala é o “eu inquieto, modesto, daquele que pensa que o seu ponto de vista é necessariamente parcial e relativo”. Para Morin, a reintrodução do “eu” na observação não é mais do que “a reintrodução auto-reflexiva e crítica do sujeito no conhecimento” (Morin, 1982, p. 45).

As teorias que defendem a separação do sujeito e do objecto com a finalidade de se chegar a um conhecimento objectivo, ignoram que, afinal, as teorias científicas “não são o puro e simples reflexo das realidades objectivas. Elas são produzidas e testadas numa determinada cultura, que comporta uma determinada visão do mundo” (Morin, 1982, p. 46).

O segundo argumento na defesa de que este texto é um texto de ruptura assenta na constatação de uma subalternização da necessidade de generalização e na importância atribuída à compreensão da singularidade de um percurso, de uma vivência individu-

al, que propicia a reflexão, e a consequente construção de conhecimento por parte de outrem, o investigador, o leitor.

Na verdade, e como nos diz Ferratori 1988 (citado por Nóvoa, 1995, p. 18),

O Homem é o universal singular. Pela sua praxis sintética, singulariza nos seus actos a universalidade de uma estrutura social. Pela sua acção destotalizadora/ retotalizadora, individualiza a generalidade de uma história social colectiva.” (...) Se nós somos, se todo o indivíduo é a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreductível de uma praxis individual.

A premissa retomada pela investigação em educação nos anos 80/90 de que a pessoa do professor realiza um projecto individual, que é também ao mesmo tempo universal, tem, no entanto, raízes antigas. Encontramo-las na literatura, na sociologia, na filosofia.

Filósofos como Diderot, Voltaire e até Kant, defenderam que cada indivíduo é o exemplo particular de um conceito universal — o homem.

Virgílio Ferreira, em *O existencialismo é um humanismo*, afirma que há universalidade em cada homem, na medida em que “todo o projecto, por mais individual que seja, tem valor universal.” Diz-nos o autor “que cada um de nós realiza o absoluto respirando, comendo, dormindo ou agindo duma maneira qualquer”. Para Virgílio Ferreira, “não há diferença entre ser-livremente, ser-como projecto, como existência que escolhe a sua essência, e ser-absoluto; e não há diferença alguma entre ser-absoluto temporariamente localizado, e ser-compreensível universalmente”.

Finalmente, a obra *A fidelidade à origem* também opera uma ruptura com o paradigma tradicional da investigação sobre o conhecimento profissional dos professores porque contribui para recolocar o foco da atenção dos investigadores na dimensão primordial do professor — a sua pessoa —, e não apenas na listagem cumulativa dos seus conhecimentos e competências.

O desenvolvimento do professor é inseparável do seu desenvolvimento como pessoa e o todo, no professor, é maior que as dimensões/partes que o constituem.

Atentemos na voz do narrador/investigador, no texto da Conferência plenária proferida no XVI SIEM:

A história de Isabel mostrou que embora os caminhos que os professores tomam, no seu processo pessoal de se tornarem professores, não sejam os mesmos, eles parecem ser organizados pessoal e não profissionalmente, e (parecem também), ser influenciados pelas suas relações com os outros, pelas experiências passadas e pelo sentido de si. (Guimarães, 2005, p. 5)

Verificada a natureza e as origens do género de texto elaborado pela autora, verifiquemos agora como o mesmo também respeita as categorias da narrativa biográfica.

A fidelidade à origem constitui uma narrativa do percurso de vida pessoal e profissional de uma personagem não ficcionada, a protagonista Isabel. Assumindo um papel predominantemente heterodiegético — que acompanha a história, mas que nela não interfere directamente — o narrador/investigador infere por vezes sentimentos ou estados

de alma da personagem principal, tornando-se, por momentos, narrador homodiegético — isto é, aquele que sabe e que conhece o modo como o protagonista vive a sua história. Por essa razão, a focalização externa — que relata, descreve e narra — parece ser o ponto de vista preferencial do narrador/investigador, embora, por vezes, também possamos identificar breves momentos de focalização omnisciente — na medida em que o narrador infere os pensamentos e as emoções da personagem.

A acção desenvolve-se em espaços diferenciados (Moçambique, Lisboa) e é-nos narrada, quase sempre, através de um processo sequencial de encadeamento, seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos. A acção principal está perfeitamente definida e constitui o conjunto de sequências actanciais que promovem o desenvolvimento pessoal e profissional da protagonista:

- S1 Experiências de uma primeira infância feliz
- S2 A vivência de tempos felizes de uma adolescência em África
- S3 A morte de um irmão
- S4 O sucesso nos estudos, o gosto pela Matemática e pela Física
- S5 A tragédia da guerra e o regresso a Portugal
- S6 A ruptura com a família, com os amigos e a experiência da sobrevivência num meio estranho no período conturbado da época pós-revolução
- S7 O curso universitário a opção pela via-ensino
- S8 Os desafios do início da carreira docente
- S9 A opção pela participação no projecto nacional de formação de professores
- S10 O regresso à escola — os alunos, as experiências de trabalho colaborativo
- S11 A participação na gestão da instituição escolar
- S12 As experiências que propiciam o questionamento, o alargamento dos seus conhecimentos, a continuidade do seu desenvolvimento como pessoa, como profissional
- S13 A partilha com os outros — os alunos/os colegas

Existem ainda sequências de acção secundária — sequências marginais, relativamente à acção principal, que permitem caracterizar os contextos sociais, culturais e ideológicos em que a acção principal se insere. Nomeadamente, as que referem:

- As experiências dolorosas associadas à morte de familiares próximos
- Os episódios das interacções com alguns dos colegas
- A sua participação no Movimento da Escola Moderna

Quanto ao relevo e composição da personagem principal, Isabel, a mesma é aqui representada como uma personagem redonda: é dinâmica, reflexiva, complexa.

Existem ainda outras personagens que desempenham o papel de adjuvantes: a mãe de Isabel, que a apoia e ajuda no seu percurso de vida; o irmão com quem, até à sua morte, uma relação de cumplicidade; os alunos, que ocupam um lugar privilegiado na sua caminhada para a realização profissional; os colegas do seu grupo disciplinar, que lhe permitiram a experiência significativa e gratificante do trabalho colaborativo. Mas existe também uma personagem que desempenha o papel de oponente — a delegada de educação física, que dificulta a colaboração de Isabel na resolução dos problemas que ocorrem na escola.

O fecho da narrativa aqui sumariamente analisada aparece em aberto. Não existe final da história, nem é vaticinada nenhuma alteração do percurso de vida da personagem. Porque se trata de uma narrativa para fins de investigação, o fecho inclui uma reflexão e uma sistematização das linhas de força que caracterizam o percurso de desenvolvimento da protagonista, as quais tinham já sido esboçadas ao longo da narrativa por inferências construídas pelo narrador.

Tal como nos romances biográficos, que acabam por nos interessar e até impressionar pela descoberta de dimensões significativas na personalidade e percurso de vida do biografado, ao potencial leitor de *A fidelidade à origem* resta-me apenas prometer que a sua interação com o texto será certamente apelativa e desafiadora, na medida em que, pela profundidade da reflexão nele contida e pela qualidade da sua fluência discursiva, o mesmo constitui uma oportunidade para o alargamento da nossa compreensão do fenómeno em estudo. Afinal, tal como Maria de Fátima Guimarães, todos partilhamos a ideia de que as “histórias (...) ajudam-nos a saber quem somos e onde nos encaixamos dentro do esquema das coisas” (Bullough, 1998, pp. 31–32).

De resto, dir-vos-ei apenas que com a minha leitura de *A fidelidade à origem* reforcei a convicção de que o crescimento pessoal e o alargamento da competência profissional da protagonista Isabel foi realizado num processo de expansão do *self*, que obrigou à auto-implicação, ao questionamento, à coerência, e à fidelidade a uma identidade profundamente alicerçada em valores culturais, éticos e deontológicos. Para mim, como para muitos dos leitores de Maria de Fátima Guimarães, é esse o percurso que, invariavelmente, leva ao desenvolvimento pessoal e profissional.

Referências

- Babo, M. A. (1996). *Ficcionalidade e processos comunicacionais*. Lisboa: Biblioteca on-line de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa.
- Braga, M. R. A. (2004). *Relações entre arte e ciência em museus e centros de ciência*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz.
- Bullough, R. (1998). Musing's on life writing: Biography and case studies in teacher education. In C. F. (Ed.), *Writing biography: explorations in qualitative research*. London: Garland Publishing.
- Guimarães, M. F. (2005). *Uma história de vida: O desenvolvimento profissional de uma professora de Matemática*. Conferência plenária integrada no XVI SIEM — Seminário de Investigação em Educação Matemática. Évora.

- Morin, E. (1982). *Ciência com consciência*. Lisboa: Europa América.
- Nóvoa, A. (org.) (1995). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora.
- Rosado, Sofia (2005). Verbete Biografia. In Carlos Ceia (Ed.) *E-Dicionário de termos literários*.
<http://www.fcsh.unl.pt/edtl/index.htm>.
- Sartre, J-P. & Ferreira, V. (1978). *O existencialismo é um humanismo*. Mem Martins: Presença.
- Zamboni, S. (1998). *A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência*. Campinas, S. Paulo: Editora Autores Associados.